IMPOSSIVELMENTE

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v12i22p211-213

Avani Souza Silva^I

Saíram os dois meninos, sempre juntos, para caçar passarinho, empinar quadrado, pegar bambu, pular em lagoa, e soltar o diabo que todo moleque carrega no bolso.

A mãe, costureira, com outros filhos menores para cuidar, era sempre aflita: diacho, onde se meteu Tinha? Nunca conheci ninguém com esse nome. Esses baianos dão nomes diferentes aos seus filhos: Dedeco, Dadal, Dadá, Dio, Dá... Tote, Toco, Tinha... Também, não adianta pôr nome bonito em filho, igual a Raoni, tem sempre um que já vai pondo outro nome mais fácil de pronunciar. Foi assim que Raoni virou Almí. E Anahí virou Nair. Assunta.

E saíram os dois filhos de uma égua, que é o nome que todo menino malino recebe da mãe quando chega em casa no fim de tarde todo esfolado, com a calça rasgada, com uma fieira de carazinhos para fritar, ou uma caça de passarinhos mortos amarrados uns nos outros. Naquele tempo menino comia passarinho. Tinha contratava a irmã para limpar os passarinhos. E prometia as coxinhas. A menina limpava com cuidado para não quebrar as perninhas dos bichinhos. Imaginava coxas de galinha...

E Tinha então saiu. Saiu mais Carê, que não era japonês, apenas tinha um nome esquisito. O tempo quando passa apodrece as coisas, Tinha disse filosófico, com pressa. Estavam vestidos de camisas largas, shorts com bolsos. Sumiram no mundo aí pra cima, na Rua Manoel Gaya.

Chegaram à casa da esquina, lá atrás do Parque Infantil, onde tem aquele muro branco, coroado pelos galhos da jabuticabeira toda forradinha de jabuticabas. Os galhos pretinhos e brilhantes. As bichinhas redondidas, grandes, quietas, esperando o tempo passar. Deram uma olhada, e aí viram

FIVILOTIFGO

^I Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

que o muro era baixo da rua, mas lá para dentro, era alto, o terreno era bem mais baixo do que a rua, era um muro imenso, altíssimo. Estavam quase desistindo. Se entrassem lá, como subiriam de volta? Impossível uma escalada daquelas, sem ter em quê se segurarem. E mesmo se um subisse no cupim do outro, e o de baixo como voltaria para a rua, para o mundo?

Ah, mas desistir assim... Elas lá, enfileiradas, gordinhas, negras, brilhantes, quase estourando? Amanhã perderão o brilho, a cor, a força, ficarão murchas, secas. O tempo apodrece tudo. Ah, não, vamos assim mesmo. Seja o que Deus quiser. Pularam lá pra dentro do quintal da casa da esquina que ninguém conhecia o dono, nunca viram a cara da dona, nem sabiam se comiam crianças, se tinham um tacho quente de doce e uma velha mexendo melado. O pulo foi no escuro, no escuro da jabuticaba.

Esgueiraram-se para debaixo do pé, e começaram a chupar as jabuticabas voluptuosamente: uma, duas, três, mil. Fartaram-se. Depois encheram os bolsos, arrepanharam as camisas, cada qual uma barrigada, cheias de jabuticabas pretinhas, brilhantes, gostosas, grandes.

A volta. Impossível. Para sempre. Para sempre impossivelmente. Só restava uma saída: bater à porta da casa da mulher, e pedir para ela deixálos entrar na casa e sair pela porta da frente, que era a única saída da casa para a rua... E assim foi. Bateram à porta com os nozinhos de um ou outro dedo que sobravam das mãos arrepanhando as camisas cheias de jabuticabas. A cara lavada.

A velhinha levou um susto danado, porque para entrar na sua casa tinha que passar por dentro da casa, e como aqueles dois pestes ali tinham feito? Poderiam ter morrido, quebrado uma perna, braço ou pescoço pulando muro tão alto. Moleque e saci se metem em todo lugar...

— Moça, dá licença da gente sair, a senhora pode abrir a porta para nós?

A mulher, olhando do alto da cabeça carapinha de Carê e do corte à escovinha de Tinha aos dedos dos pés deles, disse exército vitorioso:

Esperem um pouco.

Voltou com uma bacia de alumínio areada, brilhante. Colocou-a sobre a mesa da cozinha e apontou-lhes a camisa arrepanhada e os bolsos. Eles esvaziaram as camisas dentro da bacia, e os bolsos, até virarem do avesso. Aí a mulher cobriu a bacia com um pano de prato alvíssimo, com a barra de crochê, rendinha comprida vermelha, no meio o galo bordado em silêncio. Depois pegou um molho de chaves e foi andando tilintando

na frente deles em direção à porta da rua. Marchava lenta, batendo os chinelos nos calcanhares: plec, plec. Eles atrás, querendo se sumirem para sempre no impossivelmente gosto da jabuticaba.

A mulher destrancou a obra e se curvou, fazendo um gesto com os braços, as mãos abertas apontando a saída. Eles passaram. Saíram e gritaram até não mais poderem:

Carniça! Bruxa! Encrenqueira! Assombração! Miserável!
Desgraçada! Mofina! Pão dura! Mão de vaca! Véia de uma figa! Enfia a jabuticaba no cu!

Na calçada em frente havia um monte de pedras de construção, eles pegaram um monte, soltaram o diabinho do bolso e começaram a arremessar pedras no telhado da mulher:

— Toma aqui uma jabuticaba gostosinha!

E largavam pedradas. O telhado estalava.

Até que a vizinhança chamou uma rádio patrulha e os capetas sumiram dentro de um terreno baldio que dava para a rua de trás

O tempo passa e apodrece as coisas...

Recebido em 12 de dezembro de 2019 Aprovado em 27 de agosto de 2020

Licença: 😉 🕦 💲

Avani Souza Silva

Doutora em Letras pelo Programa em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Contato: avanissilva@yahoo.com.br

b: https://orcid.org/0000-0002-4761-7070